

Madrid (entre Francia y el resto del mundo) a
1 Dic 95.

Querido Arthur:

i Ay que perera! Tengo ganas de escribirte y contarte cosas, pero no se la causa para demorarme - retrasarme tanto. Decir perera es lo más fácil. Si supiera analizarme quizá encontraría algo más.

Bueno, hace ya una semana, el pasado viernes día 24 estube con E. Granell. Estuvo, como siempre, muy amable y me dio el guache que tenía prometido para la edición de Mario Henrique. Me quedé muy contento y saqué unas fotos de las que te envío una copia para que lo conozcas. También hablé con Juan Carlos por teléfono para animarle a que preparase las serigrafías y para no perder tiempo, me fui con Pedrito el sábado 25 a Cuenca para entregarle el guache a J. Carlos en mano.

Desde entonces estoy pensando en escribirte, incluso he pensado en telefonarte, pero me parece que el teléfono a veces resulta apesadumoso y la carta se me ha ido retrasando hasta hoy.

Ps.- Te envío por correo reparado un catálogo de una expo. de fotografías
realizadas por su vecindad.

Espero que ésta noticia te alegre y que Juan Carlos consiga obtener las serigrafías en un mes, para llevárselas a Eupenio y que las numerare y las firme.

El guache nos ha gustado y creo que Grauell ha escogido unos colores que concuerdan bien con los collages de M. H. y el personaje resulta alegre y vital. Espero que en las serigrafías queden bien los colores. Tengo curiosidad por conocer la serigrafía de Raúl Peres que imaginó también muy interesante.

¿Que tal tu brazo? Espero que ya estés bien. Yo tengo fuertes molestias en mi brazo derecho desde hace dos meses y aún no he conseguido que mejore. Estoy esperando que con los anuncios de Navidad aparezca algo milagroso que me lo resuelva.

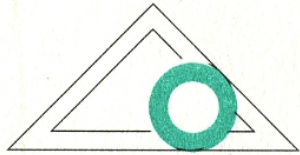
Imagino que el torbellino con Isabel te haya dejado al final satisfecho, aunque necesites dormir la siesta durante algunos días. La conocí en París y me pareció una persona con mucha fuerza y entusiasmo. Sus cosas también me gustaron mucho.

Para olvidar el viaje de Alemania, me voy con mi padre los días de Navidad a Tenerife, donde esperamos tener buen tiempo y alejarnos de las rutinas de la época. Pedrito se irá a pasar esos días con sus padres.

Un fuerte abrazo para ti y Eduardo de
Manolo.

Am das

Freundlichkeit ist
unser Stil



ALSTERHOF
Ringhotel Berlin

*M. R. MATEOS
c/ CARLOS III, 3
28013-MADRID*

Absender: Gast des Hauses

ALSTERHOF

Augsburger Straße 5
10789 Berlin-Wilmersdorf



ESPAÑA

60



01-220-08

*SR.D.
ARTUR CRUZEIRO SEIXAS
RUA DA ROSA, 152-3º
1200 - LISBOA
PORTUGAL*

Madrid, 10-4-96.

Queridos amigos Artur y Eduardo,

Fiquei tão impressionado pela vossa maravilhosa e carinhosa acolhida que não quero demorar estas palavras de agradecimento para os dois. Pedrito e eu ficamos muito contentes e achamos que a reunião com vocês e com os vossos amigos foi para nós de gran importância e significação.

Artur, disculpa los errores que pueda haber en estas primeras letras en portugués, pero quieren ser una pequeña correspondencia a vuestras constantes atenciones y amabilidades.

Regresamos a Madrid el domingo, con pena por no haber tenido algo más de tiempo para visitar algún museo o pasear por Lisboa. Así que será en otra ocasión.

El sábado por la tarde estuve en casa de Carmen, hermana de Mario que no conocía. Pasé un buen rato hablando con ella y Ferrer, su marido, que me enseñó sus recuerdos de la Armada donde fue Almirante. Y por la noche Mario y Henriette nos invitaron a cenar como despedida.

A Mario le entregué la carpeta de M. Henrique ya completa y se quedó muy impresionado por el resultado. Creo sinceramente que le gustó mucho. Él nos regaló un par de dibujos y un bonito catálogo de una expo reciente con Areal y Lapa en una galería de Torres Novas. Sabemos que hizo un

gran esfuerzo para estar con nosotros fuera de
su casa, por lo que nos quedamos doblemente
agradecidos.

En los próximos días hablaré con Philip West,
para anunciarle que le tengo reservada otra carpeta
de M. H. tal y como te anuncié en Lisboa. Se quedará
muy contento y espero que acceda a colaborar en
el segundo o el tercer libro, según le proponga Juan
Carlos Valera.

Ahora estamos trabajando Pedro y yo en un
antiguo proyecto de Mario y Pepe; el de publicar
la correspondencia mantenida entre ellos desde
los años 60. Mario me entregó hace ya tiempo las
cartas para ordenarlas, releerlas y fotocopiarlas
para preparar la edición. Tenemos también que
separar aquellas de contenido familiar o muy
personal, que tengan menor interés público, y ade-
más supongo que tendremos que contar con la auto-
rización de la hija de Pepe, a lo que les haremos
llegar el proyecto.

Intento también contactar con E. Grauell, para
contarle el acontecimiento de la presentación del
libro de M. H. en Lisboa, enviándole algunas fotos y
llevarle los ejemplares en cuanto Juan C. tenga
las carpetas que faltan. Estoy seguro de que le
gustará mucho verlo terminado. Por un amigo
me he enterado que Natalia y Grauell, iban a
la ciudad española de LEÓN, y no a la francesa
de LYON como me parece que entendió Eduardo,
cuando habló por teléfono con la secretaria de
Natalia en Santiago. Como LEÓN no queda lejos
de Santiago, es probable que Natalia regresase
el domingo día 7 a Santiago, tal como me había
anunciado.

Buenos amigos, un abrazo muy fuerte y
una vez más nuestro agradecimiento sincero

Besos, Manolo.

P. Adjuntamos copias de las fotografías que tomamos en
Lisboa.

Madrid, 12 nov 96.

Querido Arthur,

Ainda mais uma vez aconteceu-me uma inexplicavel demora em enviarte umas palavrinhas em resposta as tuas sempre carinhosas cartas. Acho que estou a espera de apaulhar algo interessante que contar, mais a vida que me organizei fica tranquila e até boa, pero mais nada. Não sou capaz de ler com exatidão, nem sequer coisas curtas e perdo gran quantidade de tempo a mover papéis, cartas, livros etc. duma parte para otra da cara, como fazem as senhoras grávidas, para procurar um ponto mais fácil.

Não gosto falar destas coisas que por acaso podem ser frequentes a minha idade. Mais tenho a impressão, de que eu vou um bocadinho mais apressa do normal. Então fico a espera sem unica esperança. Infelizmente tenho desejos de fazer coisas, e mesmo faço, pero são sempre coisas prácticas como arranjar coisas da casa e assim. De facto sempre tive mais habilidade para as coisas mecánicas e por isso tive algum éxito na minha profissão. Agora, sem emprego, pensei poderia desenvolver-me procurando novas actividades, mais estou a perceber que já é um bocadito tarde, e que o mais próximo será continuar na mesma: "Esperando a Godot".

Também gostava de apaulhar alguma coisa interessante para te enviar. Catálogos de exposições, já chega. Por vezes, tenho a impressão de ter enviado dois vezes a mesma coisa. Livrinhos em espanhol, acho não te resultam cómodos de ler. De maneira que muito te agradeceria me falares de alguma coisa que gostates de por acá, deitando fora pudores, pois não é preciso dizer, que sou eu quem fica sempre deudor da tua

generosidade.

Pedrito que tem mais facilidade para fazer coisas, e especialmente, as coisas que tem decidido fazer, já tinha há tempo carta para ti, que ficava a espera da minha parte. Isto ainda acrescentava o meu desassossego, pois apresentase o drama interior. Así que pedi-lhe que fizera o favor de enviá-lo sem demora o seu escrito, e assim eu ficava mais livre, até apañhar a 'estrela' esperada.

Também falei com o Juan Carlos para conhecer a situação de Clima Ortopédico, que acho será a próxima edição a ter saído. Parece que já tem as descrições preparadas e que A. Saura colaborou com um desenho, que ao falar de J. Carlos e um retrato que fiz dele. Assim que gostei de saber isto tudo e fico contente de ver que o projecto total vá para diante. Há um par de dias que recebi dois exemplares do livro de Claridade que acho magnífico. Ca, uma vez mais, debo agradecer-te que fosse eu incluído no Colofón pois, sem falsa modestia, não foi a minha contribuição pessoal grande coisa. Assim que a minha gratidão deve ser pelo menos dupla.

O Juan Carlos diz-me que ainda não tem decisão alguma de si pedirá a colaboração de Philip West, para Pas pour le parents. Eu diz-lhe que não queria influir na decisão a tomar por vocês. O meu exclusivo interesse fica reduzido a saber se posso ajudar com alguma coisa, mais nada.

Mando-te para o Eduardo, uma folha do diário ABC dos autos 70 em que ^{se} fala da presença espanhola em Macaé. Coisa tão esquisita que acho será divertida para ele. E para ti, uma fotocópia dum artigo crítico que tem aparecido há pouco no ABC Cultural, sobre um livro publicado por Perfecto Cuadrado.

Fico um bocadinho atrapalhado com as cartas de Pepe,

- 2 -

São maravilhosas para mim e gosto muito delas, mais já ouvi por boca dele, tudo o que está escrito e penso que há muitas coisas que não podem o devem ser publicadas, já que os seus filhos não aceitariam a publicação. Assim que estou a senhalar umas fotocópias as frases o parágrafos completos, que eu considero impublishables. Claro ~~é~~ é que não gosto muito desta acção de censura, mas estimo deve ser avaliada antes de mostrar aos filhos para que dê a sua aprovação ao projecto. Também há cartas lindíssimas, dicas de ingenio e vitalidade, e que merecem melhor destino que ser guardadas numa gaveta. Estas e outras considerações provocam-me um bloqueio mental que me impide proressar. E ainda, o Mario não fica com boa disposição física e não gostava de incomodá-lo mais do que necessário. Por acaso procuro terminar a minha correcção, para ir até Lisboa a revisar tudo com ele.

Não gostava de falar-te de tristezas. Ao contrário deveria procurar assuntos divertidos e fico com a tristeza de não saber como. Para introduzir algo exótico, te escrevo neste Português que acho cheio de erros de toda a classe, e te peço desculpas o meu atrevimento, e a mistura de todo o tipo que podas apreciar ~~esta~~ nesta carta.

Solo desejo que entendas que se não escrevo com mais frequência, não é por falta de amizade, é so por falta de coisas interessantes que contar.

Um fuerte abraço,
Manolo.

Máscaras y paradojas

Fernando Pessoa

Edición de Perfecto E. Cuadrado. Edhasa. Barcelona, 1996. 230 páginas, 2.200 pesetas

TAMBIÉN los escritores, como los políticos, pueden morir de éxito. Es lo que le ha ocurrido a Fernando Pessoa en Portugal; es lo que podría llegar a ocurrirle en España.

La fortuna literaria de Pessoa se parece al cuento de Cenicienta: un oscuro escritor que sólo consigue publicar un libro meses antes de su muerte (y un libro, por cierto, que defrauda a los pocos que creían en su talento) se convierte primero en el mejor escritor de su generación, luego en el más grande escritor portugués de su siglo, más tarde en uno de los nombres fundamentales del siglo XX... Durante



cuarenta años —entre 1942 y 1982, entre el comienzo de la edición póstuma de sus obras y la primera aparición completa del «Libro del desasosiego»— el baúl en que Pessoa guardaba sus papeles se transforma en un arca mágica de la que esforzados estudiosos van haciendo brotar incontables obras maestras.

Pero no todo eran obras maestras: había también borradores, esbozos, apuntes casi ininteligibles, esas virutas de la carpintería literaria que Antonio Machado aconsejaba destruir. A los primeros editores —João Gaspar Simões fue el más destacado— la admiración por Pessoa no les cegaba y trataron de seleccionar sólo aquello que el autor, de haber vivido lo suficiente, habría publicado; a los editores que vinieron después cualquier papel sobre el que Pessoa hubiera puesto la mano les parecía una reliquia digna de veneración. Por eso, desde hace algún tiempo, a cada anuncio del descubrimiento de más y más sensacionales inéditos (o de nuevas versiones de obras ya bien conocidas y admiradas), quienes aman a Pessoa acostumbran echarse a temblar: suelen ser inanes esbozos que sólo añaden a su gloria confusión, que sólo sirven para alejar de ella a los verdaderos lectores.

No parece que «Máscaras y paradojas» vaya a contribuir demasiado a la difusión y el aprecio, ya considerables, de Pessoa en nuestro país, y ello a pesar del meritorio esfuerzo de Perfecto E. Cuadrado, veterano y experto lusófilo. Sólo como excepción se deja

engañar por esos falsos amigos que tan bien conocen los traductores: «La espantosa realidad de las cosas/es mi descubrimiento cotidiano», le hace decir a Alberto Caeiro, pero Caeiro —como Guillén— no se asusta, sino que se asombra o admira («espanta», en portugués) de la realidad de las cosas.

Se incluye el volumen en una colección de aforismos, donde se pueden leer a algunos de los maestros del género —Liechtenberg, La Rochefoucauld, Joubert— junto a otros, como Proust, que sin cultivarlo especialmente tienden a él con frecuencia en los demorados meandros de su prosa. En Pessoa, tan aficionado a las paradojas, no escasean los aforismos, esas frases que se leen en un instante y nos acompañan durante horas (o durante toda la vida); el «Libro del desasosiego» las ofrece con memorable profusión: «Nunca amamos a nadie. Amamos sólo la idea que tenemos de alguien. Lo que amamos es un concepto nuestro; siempre nos amamos a nosotros mismos». Pero Cuadrado —lo indica en la nota previa— no ha querido limitarse a espigar aforismos, sino «aquellos fragmentos más o menos extensos, en cuyo amplio contexto cobran los posibles aforismos su completo sentido»; el resultado, muy a menudo, son trozos de poemas o de escritos en prosa que ni valen por sí mismo, al estar arbitrariamente mutilados, ni tiene la rotundidad sugerente que caracteriza al aforismo. Otra decisión del editor contribuye a convertir el volumen en una curiosidad para especialistas en lugar de en la obra maestra para todos los públicos que debería ser: sus preferencias se orientan hacia «aquellos textos que todavía no han sido traducidos o que han gozado de una menor difusión» (la rareza predomina así sobre el interés y la calidad).

Perfecto E. Cuadrado dispone los fragmentos de este Pessoa tan arbitrariamente trocado en orden cronológico, en apariencia el menos discutible, pero en realidad el que más

**«No parece que esta obra
vaya a contribuir demasiado
a la difusión y el aprecio, ya
considerables, de Pessoa en
nuestro país, y ello a pesar
del meritorio esfuerzo de
Perfecto E. Cuadrado»**

falsea a un escritor si no se respeta la unidad de sus obras y el distinto carácter de los textos seleccionados (bien es verdad que puede esgrimir como disculpa la casi inabarcable complejidad pessoana). Toda antología es una obra en colaboración: su autor es tanto el antólogo como el autor antologado. Para preparar una antología no basta el rigor profesoral, el imprescindible andamiaje erudito; hace falta también un cierto aliento creador, si no queremos convertir en seca materia de estudio lo que debe ser gozoso placer del texto.

José Luis GARCÍA MARTÍN

UNIVERSIDADE DE EVORA	
Arquivo	FCS 01.220.10

UNIVERSIDADE DE EVORA	
Arquivo	FCS

VIA AEREA

PAQUETE AZUL

M. R. WATEOS

C/ CARLOS III, 3

28013-MADRID

ESPAÑA

PAQUETE A DOMICILIO



PAQUETE

PAQUETE A DOMICILIO



PAQUETE AZUL



SR.D.

01.220.10

ARTUR CRUZEIRO SEIXAS

RUA DA ROSA, 152 - 3º

1200 - LISBOA

- PORTUGAL -



Madrid, 24 de junio de 1997

Querido Artur:

Quiero aprovechar la oportunidad que me da Eduardo, para enviarte un cariñoso saludo, y el deseo de que pases un verano radiante.

Estoy triste y nervioso porque cuando comenzaba esta carta, me ha telefonado Marian des de Zaragoza para decirme que nuestro querido amigo Philip acaba de fallecer. Hemos mantenido una amistad sincera, y al mismo tiempo distante, pero siempre muy afectuosa. Pepe le apreciaba mucho, y Philip tuvo una actitud muy cariñosa conmigo cuando Aranda murió. Me hubiera gustado mucho haberle dado un abrazo después de mi regreso de los Estados Unidos, pero ya no era posible porque ya no estaba consciente.

La visita de Eduardo, Lena y Pedro su hijo, ha sido muy agradable para nosotros y además nos ha permitido recordarte y casi tenerte presente en muchas ocasiones. De hecho, hemos creado situaciones concretas para recordarte y mucho nos hubiera gustado tu presencia. Creo que lo han pasado bien y que les ha gustado la experiencia, y las cosas que hemos podido hacer durante esos tres cortos días. Con Juan Carlos y los amigos de Cuenca, pa-

ramos también un domingo muy excitante y divertido, con horarios y ruidos muy a la española, pero que le han dado a la reunión un aire más informal y de fiesta.

Perdona que ahora no me extienda más, pero me consolo que las ideas acudan. También quiero comunicar a E. Graell y a otros amigos, la desgraciada noticia de la desaparición de Weto.

Hasta pronto, un gran abrazo y mi sincera amistad,

Manolo

P.S. He hablado con Marian, la compañera de Philip, hace un momento y me ha dicho que el próximo domingo iremos un grupo de amigos a los "Mallor de Riglos" - unas peñas impresionantes entre Zaragoza y el Pirineo - para esparcir allí las cenizas de Philip tal como fue su última voluntad.

También, el próximo día 2 de julio, inauguraremos una exposición - homenaje, en Zaragoza. A pesar de su enfermedad, es una exposición en la que Philip había puesto mucho esfuerzo y mucha ilusión en estas últimas semanas de vida.

Te adjunto un pabado - El valle de los Reyes - que fue un regalo de Philip hace 10 años, para que sirva de vínculo emotivo entre todos nosotros.

Remuevo mis votos para ti, M.

ARTUR.

01.220.11

